

Jornalismo regional em esfera global: O caso Joaquim no portal G1 no Brasil¹

Rogério Eduardo Rodrigues Bazi, Duílio Fabbri Junior

PUC Campinas², Brasil

rogerio.bazi@gmail.com, juniorduilio@uol.com.br

Resumo: O consumo das mídias sociais por todas as classes socioeconômicas e culturais no Brasil tem criado novas formas de mobilização e organização, que alteram a dinâmica de interação entre os atores da sociedade. Os indivíduos desses novos movimentos estão crescendo em número e se organizando cada vez mais, e impulsionados pelas novas possibilidades de comunicação. É inegável a revolução nas possibilidades na comunicação que o espaço cibernético proporciona em relação a televisão. Sua entrada no mercado e no processo de comunicação provoca alterações nas culturas e na participação social do acesso a Informação. Os

contornos das esferas locais e regionais de produção e consumo de notícia também são afetados à medida que o internauta compartilha, opina, interage e constrói seus próprios percursos, sem que a informação lhe chegue de forma a torná-lo um sujeito passivo, como era anteriormente, nas mídias tradicionais. Ao analisar a cobertura de um caso policial, em Ribeirão Preto, cidade do interior de São Paulo, Brasil, e transmitida por uma emissora regional e pelo seu portal de notícia, observou-se a permeabilidade desse contorno e o movimento do internauta para construir e elaborar novos sentidos.

Palavras-chave: jornalismo regional, esfera pública, internet.

1. Submetido a 15 de Outubro de 2014 e aprovado a 15 de Novembro de 2014.

2. Parque dos Jacarandás, Campinas - SP, Brasil.

Regional Journalism in global sphere: The Joaquim's case at G1 in Brazil

Abstract: The uses of social media by every cultural and socioeconomic classes in Brazil has created new forms of mobilization and organization, altering the dynamics of interaction among social actors. The subjects of these new movements are growing in number and increasingly organizing themselves, and driven by new communication possibilities. It is undeniable revolution in the communication possibilities that cyberspace provides in relation to television. Entered the market and in the communication process causes changes in cultures and social participation of access to information. The contours of

local and regional news production and consumption spheres are also affected the extent to which the Internet user shares, thinks, interacts and builds their own paths without that information reaches you in order to make it a taxpayer , as previously , in traditional media .

By analyzing the coverage of a police case, in the Ribeirão Preto, a country city of Sao Paulo's state, Brazil, and transmitted by a regional station and its news portal, we can observe the permeability of that boundary and the motion of the Internet to build and develop new meanings.

Key-words: regional journalism, public sphere, internet

Introdução

UMA das marcas dos séculos XX e XXI é a presença do conhecimento em todas as atividades humanas, o que lhe atribui valor social evidente, dado ao acúmulo da massa de conhecimento e a sua expansão fortemente associada aos meios tecnológicos, reconhecendo, assim, de maneira crescente a importância da elaboração de parâmetros para a produção, circulação e uso da informação no ambiente jornalístico.

Outro aspecto a ser considerado neste início de novo século é a questão da alta tecnologia, presente em várias áreas do saber. A base tecnológica possibilitou e incentivou criar meios cada vez mais rápidos para que a informação chegasse

ao receptor, ajudando-o a elaborar o conhecimento. “O registro histórico das revoluções tecnológicas (...) mostra que todas são caracterizadas por sua penetrabilidade, ou seja, por sua penetração em todos os domínios da atividade humana, não como fonte exógena de impacto, mas como o tecido em que essa atividade é exercida” (CASTELLS, 2000, p. 50).

Em uma cultura participativa, mediada pelas redes de relacionamento digitais, emerge e coexiste a convergência de mídias com os meios de comunicação de massa tradicionais e os novos meios. O desenvolvimento tecnológico provoca uma série de modificações nas relações de identidade, na transposição de conteúdos das plataformas *tv/web*, na forma de nos comunicarmos e na maneira como as empresas se comunicam com seu público-alvo.

Uma vez que a internet hibridiza as fronteiras entre os meios, permitindo que usuários compartilhem experiências, desejos, percepções sobre atividades diversas do seu cotidiano. Seja através de computadores, *tablets*, *smartphones*, *smart TV*'s e outros dispositivos com acesso à internet, o consumo midiático deixa de ser algo hermético e limitado geograficamente, passando a ser potencializado por conversações e trocas de experiências em escala global.

Isso posto, o presente artigo analisa um fato jornalístico reproduzido por um portal regional no interior do estado de São Paulo, Brasil, o *GI EPTV-Ribeirão Preto*, que ganhou contornos que ultrapassam seus limites definidos pela cultura local e alcança novas esferas na plataforma web: o caso Joaquim. Para tanto, expõe, inicialmente, as correlações conceituais possíveis que podem contribuir para o entendimento do fato jornalístico.

O global e o local

Assim, diferentemente do que ocorreu em outras revoluções, como a industrial ou a científica, na tecnológica “usuários e criadores podem tornar-se a mesma coisa (...) os usuários podem assumir o controle da tecnologia como no caso da Internet (...) pela primeira vez na história, a mente humana é uma força direta de produção, não apenas um elemento decisivo no sistema produtivo” (CASTELLS,

2000, p. 52). O usuário passa a ser agente criador e transformador. Talvez seja por isso que

as novas tecnologias difundiram-se pelo globo com a velocidade da luz em menos de duas décadas, entre meados dos anos 70 e 90, por meio de uma lógica que (...) é a característica dessa revolução tecnológica: a aplicação imediata no próprio desenvolvimento da tecnologia gerada, conectando o mundo através da tecnologia da informação (CASTELLS, 2000, p. 52).

Nesse sentido, à “conexão global associa-se à centralidade da informação” (CASTELLS, 1999), isto é, diz respeito às Tecnologias da Informação e da Comunicação. Com elas, ao mesmo tempo em que inúmeras funcionalidades de circulação e de uso da informação se impõem questões relacionadas às formas de registros dos conteúdos e sua capacidade de informar também concorrem para uma alteração significativa da base e dos instrumentos com os quais a Comunicação e o Jornalismo operam.

A informação midiática tornou-se fonte alimentadora das “engrenagens indispensáveis à hegemonia do capital, isto é, o lubrificante dos ciclos de troca e de lucro, nesse sentido a mercadoria mais importante”, segundo Moraes (1997, p. 14). A mídia passa, então, a ocupar um lugar de destaque nessa nova conjuntura mundial.

Ianni (2001, p. 12), ao analisar o cenário globalizado, afirma que as fronteiras entre os mundos desaparecem, modificam-se “os significados das nações de países centrais e periféricos, do norte e do sul, industrializados e agrários, modernos e arcaicos, ocidentais e orientais”. Ao enfatizar que a globalização representa uma nova era de expansão do sistema de produção de bens e do processo civilizatório, que envolve todo o planeta numa rede de complexidade e contraditoriedade, o autor reforça a ideia de que esse novo ciclo provoca a reorganização ou a realocação geográfica das corporações empresariais, antes concentrada nas regiões desenvolvidas. Seguindo essa linha de raciocínio, as empresas, incluindo as de comunicação, “se reestruturam e se fazem presentes em muitos lugares, e mesmo no mundo todo, para defender suas políticas de produção e de comercialização de bens” (SILVEIRA, 2002, p. 22).

A globalização da informação, ao invés de eliminar as diferenças e realinhar os horizontes culturais, “parece reacender os velhos fantasmas particularistas e autocentrados” no sentido de “impulsioná-los numa onda expansionista” (COELHO NETO, 1999, p. 184-186). Nota-se que, em plena era da globalização, há um ressurgimento da diferença identitária, espaço cuidadosamente ocupado pela regionalização já que floresce o espírito comunitário de relações mais próximas, do acasalamento de idéias e ideais. “As culturas e os imaginários nacionais tendem a desmoronar (relativamente), mas não desaparecem de todo o localismo como âncora cultural, quer isto signifique um valor positivo quer negativo” (COELHO NETO, 1999, p. 185).

A globalização configura a sociedade universal como uma forma de “sociedade civil mundial, promovendo o deslocamento das coisas, indivíduos e ideias, desenraizando uns e outros”, expõem Oliveira et al. (1999, p. 159). Ainda, segundo as autoras, “cabe ao sujeito singular e coletivo produzir e reproduzir as condições materiais e espirituais de sua subordinação e eventual dissolução”. O que se percebe é que o horizonte do conhecimento é cada vez mais ilimitado, mas todo discurso é local. Ao mesmo tempo em que os limites se tornam quase inexistentes, urge o interesse pelos modos locais de produção, perfazendo a relação ‘global-regional-local’.

Gutiérrez Olórtégui (1996, p. 34) cita que essa relação permite “entender las formas de un mercado informativo que, fabricando un imaginário desterritorializado de la realidad global, hace evidente su necesidad de exportar al mismo tiempo imágenes descontextualizadas, desencajadas y estandarizadas para facilitar su integración con otras imágenes del mundo”. “Sob o efeito da desterritorialização”, consequência da globalização cultural e econômica, o conceito de território ganha força e se expressa, uma vez que é, num espaço, em uma cidade, país, estado, bairro ou no interior deste que as expressões básicas da identidade aparecem. Coelho Neto (1999, p. 354) argumenta que, diferentemente do espaço cultural, território é o “efeito de mundo gerado pela inserção física direta, não mediada por uma representação elaborada, do indivíduo ou grupo nessa área física específica”. O efeito do mundo, segundo o autor, produz a sensação de uma relação natural com o território da qual decorre a identidade, mediante a elaboração linguística, o comportamento cotidiano e as obras de

cultura. Porém, é necessário registrar que essa relação não seria tão natural, mas resultado de uma construção simbólica, de uma “teatralização”. Não há, segundo o autor, um grau ideológico do território como fator de manipulação da identidade. Na realidade, o que existe, é que todo efeito de mundo é uma operação de construção significa, de substituição de um signo por outro, e assim o “problema não reside na construção em si, inevitável, mas no sentido que se atribui à construção” (COELHO NETO, 1999, p. 354).

Nessa construção descrita, percebe-se que o significado da mensagem emitida pelos meios de comunicação, por exemplo, é localizado, o que permite a cada indivíduo ou a um grupo um reconhecimento de si mesmo como parte integrante daquele conjunto maior de signos, definidor da identidade da comunidade. Bourdin (2001) discute o assunto do local, afirmando que seria difícil definir um objeto local e, principalmente, dar-lhe um contorno territorial preciso. O autor salienta que a questão é de relação e inter-relação entre o econômico, o político, o jurídico aos relacionamentos de vizinhança, convivência, vitalidade dos bairros. Logo, é imprescindível registrar que as dimensões espaciais somente acontecem a partir de suas fronteiras, se colocadas em contraposição ao seu contrário. O global como parâmetro de referência, precisa se tornar local para se realizar. Afinal, como exposto, o ato de consumir é local.

Entretanto, admite Hall (2001, p. 77-78), ao invés de pensar no global “substituindo o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre o ‘global’ e o ‘local’”, este último pensado “no interior da lógica da globalização”, em lugar das “velhas identidades, firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas”. Parece, então, improvável que a globalização esteja propensa à destruição das identidades, mas sim, forneça aos indivíduos novas identificações locais de si mesmo. Essas identificações, por sua vez, são sempre refletidas pela mídia num território, onde os “atos” noticiosos acontecem.

Enfatiza-se, pois, que a globalização representa uma nova era de expansão do sistema de produção de bens e do processo civilizatório, ela envolve todo o planeta numa rede de complexidade e contraditoriedade, há um reforço na ideia de que esse novo ciclo provoca a reorganização ou a realocação geográfica das corporações empresariais, antes concentrada nas capitais. Mais do que pensar em novos posicionamentos mercadológicos, há que se levar em consideração os

agentes envolvidos na recepção das notícias e os meios utilizados recentemente por eles.

O espaço público e seus atores

Assim, o avanço da tecnologia e o uso da internet, características do processo de globalização, têm exigido uma reflexão sobre a relação complexa que o homem estabeleceu ao longo da sua existência com plataformas midiáticas. Os novos dispositivos comunicacionais submetem o ser humano a um conjunto de transformações, que alteram radicalmente a forma como se relaciona com o mundo que o rodeia. As empresas de comunicação, diante dessas novas tecnologias, desenvolvem também estratégias para alcançar esse telespectador, não mais importando o lugar onde estão alocadas. Os novos mecanismos permitem ofertar, ao mesmo tempo, um menu de notícias locais, mas com enfoques globais, agora não mais em uma única plataforma como no caso a ser analisado. Empresas expandem as possibilidades de acesso desse receptor, e quando ofertam pela internet em seu portal de notícias as mesmas informações, oferecem a opção de levar o sujeito a novas esferas de comunicação, em que as elaborações são feitas respeitando os desejos e cognições individuais, alargando os contornos do seu espaço geográfico e cultural. Com o passar dos anos, processou-se um olhar apurado não só para a tecnologia, como para a cultura, até então definida também como um sistema isolado, fechado e invulnerável ao mundo exterior. Martín-Barbero (1987) considera a cultura, com as etnias, os dialetos locais e distintas mestiçagens urbanas daí resultantes, como formadora de grupos que atravessam as classes derivando em diferentes “competências culturais”, que são modos de percepção e produção simbólica.

A internet oferece uma grande variedade de informações, não apenas material de origem oficial, assim como conteúdo que vão desde a educação e entretenimento, jornalismo. Reduz os custos da participação política e permite envolver diferentes parceiros de interlocução desde a troca de e-mails numa base cidadão-cidadão, os *chats* e os grupos eletrônicos de discussão até as amplas conferências. Isso significa um potencial de interação inédito se comparado com

os veículos de comunicação tradicionais. A rede pode proporcionar um meio através do qual o público e os políticos podem se comunicar, trocar informações, consultar e debater, de maneira direta, rápida e sem obstáculos burocráticos.

As mais recentes transformações tecnológicas colocam, assim, um amplo leque de questões, pelo fato de interferirem diretamente na forma como percebemos o mundo. As tecnologias da informação têm uma incidência, ainda difícil de definir, sobre a nossa percepção e as nossas representações do mundo, não só por se prestarem a uma grande variedade de aplicações nos mais diversos domínios da experiência, mas, sobretudo, porque criam um mundo virtual e autônomo em relação ao mundo real. Segundo Lévy (1994), as novas tecnologias precipitam o homem num novo universo comunicacional, onde se processa a circulação do saber, que o autor designa como “inteligência coletiva”, com profundas implicações no reforço das competências e dos laços comunitários estabelecidos entre os agentes sociais.

Thompson (1998) aponta que o desenvolvimento da mídia ajudou a criar um mundo em que os campos de interação podem se tornar globais em escala e em alcance, e os passos da transformação social podem ser acelerados pela velocidade dos fluxos de informação.

O sensível aumento do número de webusuários nas sociedades urbanas pós-industriais e a diversificação dos interesses manifestos por novos atores sociais criaram a necessidade urgente não apenas da institucionalização de mecanismos deliberativos no nível público (AVRITZER, 2002), como também da ampliação de espaços nos quais indivíduos privados e atores coletivos, não constitutivos das esferas convencionais de governo, possam dar visibilidade às suas ideias ou mesmo debatê-las (HABERMAS, 1997, COHEN, 1997a, 1997b, BOHMAN, 1996, AVRITZER, 2002). Tradicionalmente, a noção de esfera pública esteve associada a ambientes concretos, tais como cafés, salões literários e assembleias (HABERMAS, 1984; THOMPSON, 1998; KELLNER, 1998), nos quais as pessoas negociavam desejos e planejavam ações (MAIA, 2002, p. 110).

O caso Joaquim

Os teóricos da Escola de Frankfurt, nos anos 1940, mostraram que, na relação de consumo que se estabelece entre meios de comunicação e seus públicos, a falta de delimitação clara entre informação e outras ofertas, como entretenimento, educação e ciência, por exemplo, apresenta-se como uma das características na busca por audiência. No entanto, o que se percebe hoje é que, nem sempre, esse processo de inter-relação entre a informação e o entretenimento ocorre apenas como estratégia mercadológica ou de alienação, como compreendiam esses autores, mas que esse é também um processo em que o receptor, por meio das elaborações daquilo que vê, lê e lhe chama a atenção e pela possibilidade de compartilhamento via internet, dá novos significados para o que foi produzido, inicialmente como informação, diante de qualquer sinal que lhe entretinha.

Assim, por meio da análise descritiva este artigo analisa a cobertura do caso Joaquim, à luz dos conceitos expostos anteriormente, reproduzido pelo canal de comunicação *GI-EPTV*, de Ribeirão Preto, interior de São Paulo, Brasil, que começou no dia 05 de novembro de 2013.

O caso Joaquim refere-se a um garoto de três anos, chamado Joaquim Pontes Marques, desaparecido do seio familiar. A primeira reportagem no *GI Ribeirão* foi publicada no mesmo dia as 17h01³. Logo após a publicação, a polícia de Ribeirão Preto começou a investigação. Após 24 horas, a suspeita recaía sobre os pais. O *GIRibeirão*, abriu uma página extra, da *home*⁴ principal. Começou então a organizar todas as reportagens, fotos e vídeos do caso, facilitando ao usuário encontrar tudo que era publicado pelos repórteres e editores do site.

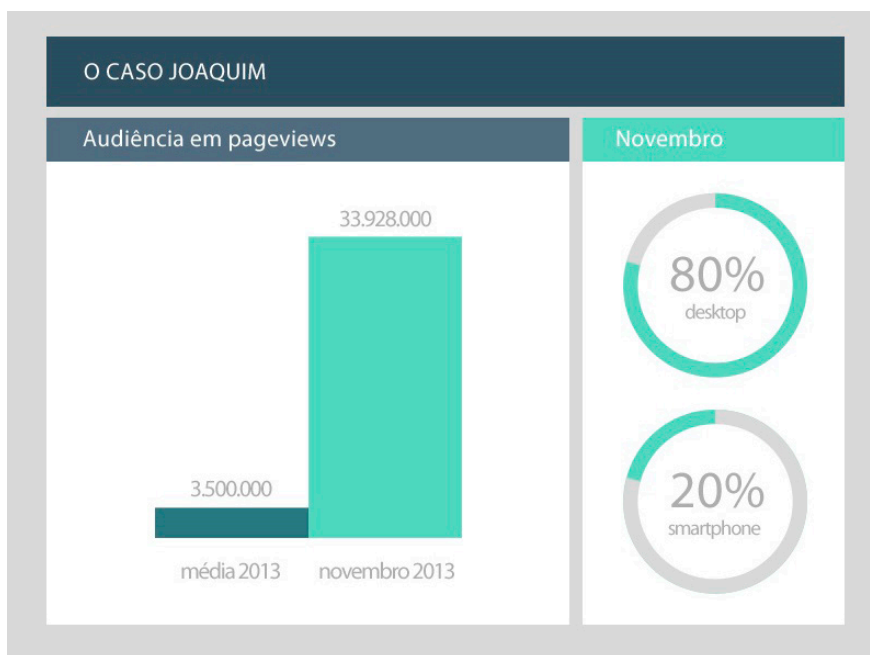
A *EPTV* é uma emissora de televisão regional, fundada em 1979, afiliada à Rede Globo. Ela compreende uma área de cobertura de 300 municípios, divididos em quatro regiões: Campinas, Ribeirão Preto e São Carlos, no interior do estado de São Paulo e em Varginha, no Sul de Minas Gerais. A população dessa área corresponde, segundo o Atlas de cobertura da *Rede Globo*, a 11

3. Link da matéria <http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2013/11/familia-busca-menino-de-3-anos-desaparecido-em-ribeirao-preto-sp.html>

4. Home, do inglês, numa tradução livre, significa casa. Em internet tem o significado de primeira página do site, onde estão as principais ofertas de notícias daquele site.

milhões de pessoas aproximadamente. O *GI* é o canal de notícias da *Rede Globo* na internet. Todas as afiliadas, como a *EPTV*, fazem parte do mesmo projeto. A *EPTV* mantém cinco redações do *GI*, em Campinas, Ribeirão, Varginha, São Carlos e Piracicaba, que não tem emissora da *EPTV*, apenas a redação do *GI*.

A cobertura do caso, a partir dessa página ganhou contorno nacional, saindo de uma cobertura local e ganhando a curiosidade e interesse nacional. Isso pode ser comprovado pelo número de page views, ou páginas visitadas pelo internauta. No mês de novembro, foram 33.928,000 milhões. A média mensal é de três milhões e meio. O pico da cobertura foi, segundo dados fornecidos pelo Google analytics⁵ no dia 11, quando num só dia, a página recebeu 3.928.000 visualizações. Nesse mesmo mês, a audiência não veio apenas dos computadores de mesa, como são chamados, mas sim de telefones celulares e tablets, que se somaram vinte por cento dessa audiência total, ou seja, 4.328 milhões.



Fonte: Google analytics

5. Ferramenta de análise de audiência nas paginas da web.

A personalização do discurso, a construção de um caminho a partir dos interesses do internauta e a estratégia dos editores do site, em colocar em um só lugar, as ofertas em forma de menu, por meio do qual esse mesmo internauta pudesse construir a história do desaparecimento da criança e, posteriormente, a acusação da polícia, de assassinato, pelo padrasto e a mãe, como coautora, ofertou possibilidades que o usuário pudesse construir uma forma de ler/ receber informações e, inclusive, de desconfiar delas, ou então, transformar a natureza das informações, promovendo até mesmo a passagem da informação para um folhetim, no mesmo objeto de leitura.

Assim, os sentidos a cada nova postagem maximizam a ideia de linguagem em curso: o hipertexto e os compartilhamentos diversos permitem dobras inimagináveis de sentido, um movimento constante de criação de sentidos e funções para uma mesma informação.

No contexto em que num mesmo ambiente o internauta tem a oferta de reportagens, vídeos, fotos e entrevistas – que Jenkins (2008) define como um novo momento cultural na evolução das comunicações – o emissor, antes ativo no processo, não mais simplesmente emite mensagens para um receptor completamente passivo. (ORMANEZE, 2012). O emissor, na verdade, ao lançar seus signos – ou ser invadido por eles, como no caso em análise neste artigo – não emite mais mensagens simplesmente, mas constrói um sistema possível de rotas, onde pode acompanhar o caso a partir de qualquer reportagens, pois ao final de cada uma delas, a edição oferece um “reconta” do caso, uma forma resumida do fato principal – o desaparecimento e depois a constatação de um assassinato e tendo como acusados pela polícia o padrasto e a mãe do garoto.

Assim, registra-se que quando se aborda a questão local-global, presente no caso analisado, inúmeras correlações conceituais são possíveis, e o afastamento de eixos tradicionais de identidade pode causar certo desconhecimento, mas em tempos de rupturas, propostas pela linguagem *webs*, os fluxos de informação atingem escalas transnacionais. Diante dessa relação entre global e local, os conceitos acerca dos processos de identidade, produz um efeito de diversidade, mostrando a variedade e a complexidade do mundo, reproduzindo a dinâmica da vida, trazendo ao internauta um aspecto de familiaridade, conforme explica Fabbri Júnior (2006).

Dessa forma, a transformação de um fato local em global e da constituição de uma esfera de discussão que extrapola as fronteiras locais. Três razões podem ser elencadas a partir da descrição do caso feita:

- 1. o suporte** – a internet torna possível o acesso a informações sem fronteiras. Antes, o que seria restrito a um espaço territorial preenchido pelas TVs, rádios ou jornais, agora, se gerar interesse, pode ser acessado de qualquer ponto e cada vez por dispositivos diferentes, como celulares, computadores de mesas, tablets, etc. ;
- 2. a forma narrativa** – a possibilidade de o próprio leitor construir a história, usando os recursos que mais lhe agradam – texto, vídeo, fotos e usar, se necessário, o “reconta” para compreender o que a informação acessada num primeiro momento não lhe completa, dá ao leitor de internet, naturalmente impaciente, a noção de domínio: ele é senhor de si, que constrói seus próprios percursos, sem que a informação lhe chegue de forma a torná-lo um sujeito passivo, como era anteriormente, nas mídias tradicionais. Isso, permite ainda, que sejam gerados compartilhamentos em redes sociais digitais, o que também aumenta os *page views*: um leitor pode considerar interessante um dos vídeos da cobertura o compartilhará-lo como link, outro pode se interessar mais pelo texto, outro pode achar a história tão absurda e simplesmente compartilhar uma foto dos pais. Cada um se torna, assim, um novo emissor, gerando novos significados e novos caminhos, a serem acessados e também reconstruídos pelos próximos internautas que chegam à página. No caso analisado, durante a cobertura, a reportagem “Cães farejadores e caneta de insulina incriminaram padrasto de Joaquim” foram 398 compartilhamentos. Em outra reportagem “Sob aplausos, corpo do menino Joaquim é enterrado no interior de SP” foram 1,2 mil compartilhamentos;
- 3. os elementos da narrativa/dramaticidade** - a história do Joaquim traz consigo pré-construídos sobre pai, mãe, família, infância, etc. Esses elementos são essenciais no processo de formação de sentido e, principalmente, no interesse que o assunto gerou. Valores como família e infância são globais, extrapolam os limites do local e isso, aliada à forma como a narrativa foi contada, ajuda a criar leitores por todo o país. O assunto é local, mas os valores e a forma de contar a história não têm

fronteiras. Desde a Antiguidade, o homem desenvolve um fascínio pela narrativa, pela história, em busca de identificação e pertencimento. Não fosse assim, não haveria tanto apreço pela literatura, pelo drama encenado e, mais recentemente, pelo olhar sobre a vida privada por meio de ferramentas como as redes sociais digitais. Ricoeur (2010) associa essa ligação com a busca existencial humana por respostas, catarses e sentidos. Nessa busca por narrativas, surge, então, em razão dos personagens existentes (pai, mãe, filho), as representações sociais, os pré-construídos. É o interdiscurso, ou seja, o discurso que vem de algum outro lugar, se faz presente ainda que não se espere ou não se tenha domínio sobre ele. Está no espírito de uma época, de uma cultura e no inconsciente de cada sujeito (PÊCHEUX, 1989).

A esfera pública e os limites entre local e global, assim, são constituídos a partir de uma rede complexa de elementos, que envolve aspectos simbólicos, psicológicos e tecnológicos. E de certa forma, influencia o sujeito na construção da própria imagem, sugerindo comportamentos e suscitando reflexões que levam ao internauta a aspectos de familiaridades dentro de um território determinado.

Uma discussão de esferas locais e globais

Pode-se observar então, longe da pretensão de se chegar a uma conclusão, que a Internet, metaforicamente, trouxe o “cidadão/usuário” de volta à praça pública, à comunidade local, com alcance global. Um conceito moderno do que Habermas chamou de esfera pública.

Os públicos que discutiam a informação, no contexto do espaço público burgês, são substituídos por públicos que a consomem de qualquer maneira: de modo ativo e não elaborado, trazendo para si, as interpretações do fato de acordo com a oferta de caminhos. O espaço público alargou-se – democratizou-se e massificou-se –, o mesmo tendo acontecido com os públicos, mas o debate e a discussão de ideias foram substituídos pelo consumo passivo, com alguns índices de interatividade. O que podemos chamar de um modelo pluralista do espaço público que participa na democratização das estruturas da sociedade.

Isso ao mesmo tempo em que o conceito de privado remete-nos para as questões do mercado e da privacidade do indivíduo e o público passa a ser identificado como o espaço onde ocorrem as relações políticas. Com a expansão dos meios de comunicação surge a globalização. A disseminação de informações e a passividade dos indivíduos acabam por abafar a personalidade individual e tornar cada vez mais complexa a distinção entre o público e o privado.

O “local” ganha contornos globais, identificados por novas elaborações do internauta, pois ele tem a possibilidade de ser afetado por signos, como no caso em análise neste artigo com inúmeras correlações conceituais possíveis, promovendo o afastamento de eixos tradicionais de identidade propostas pela linguagem *webs*. Os fluxos de informação atingem escalas transnacionais.

A transformação de um fato local em global e da constituição de uma esfera de discussão que extrapola as fronteiras locais como no caso analisado, em que a internet torna possível o acesso a informações sem fronteiras e a história de Joaquim traz consigo conceitos pré-construídos sobre pai, mãe, família, infância, elementos essenciais no processo de formação de sentido e, principalmente, no interesse que o assunto gerou, extrapolando os limites do local e, dando ao leitor de internet, naturalmente impaciente, a noção de domínio: em que ele constrói seus próprios percursos, sem que a informação lhe chegue de forma a torná-lo um sujeito passivo, como era anteriormente, nas mídias tradicionais.

Referências bibliográficas

AVRITZER, L. (2002). Democratic theory and the formation of a public sphere. In: _____. Democracy and the public space in Latin America. Princeton: Princeton University Press, p. 36-54.

BOHMAN, James. (1996). Public Deliberation: Pluralism, Complexity and Democracy. Cambridge: MIT.

BOURDIN, Alain. (2001) A questão local. Rio de Janeiro: DPA.

- CASTELLS, Manuel. (2000 e 1999). A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, v.1.
- COELHO NETO, Teixeira. (1999). Dicionário crítico de política cultural. 2. ed. São Paulo: Iluminuras.
- COHEN, J. (1997a). Deliberation and democratic legitimacy. In: BOHMAN, J.; REHG, W. (orgs.), *Deliberative democracy*. Cambridge: MIT, p. 67-91.
- _____. (1997b). Substance, procedure and pluralism. In: BOHMAN, J.; REHG, W. (orgs.), *Deliberative democracy*. Cambridge: MIT.
- FABBRI JÚNIOR, Duilio. (2006). A tensão entre o global e Local. Os limites de um noticiário regional na TV. *Akademica*.
- GUTIERREZ OLÓRTEGUI, Mario. (1996) Imágenes e imaginários de la television global. *Día° Logos de la comunicación*. Lima nº 45 junio.
- HABERMAS, J. (1984). *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- _____. (1997). *Direito e democracia: entre facticidade e validade*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 57-117.
- HALL, Stuart. (2001). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- IANNI, Octávio. (2001). *A era do globalismo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,
- JENKINS, Henry. (2008). *Cultura da convergência*. Editor Aleph.

- KELLNER, D. (1998). Intellectuals, the new public spheres, and technopolitics. In: TOULOUSE, Chris; LUKE, Timothy W. (eds). The politics of cyberspace. New York: Routledge, p. 167-86.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. (1987). Processos de comunicación y matrices de cultura. México: Gustavo Gili.
- LÉVY, P. (1994). As Tecnologias da Inteligência - O Futuro do Pensamento na Era Informática. Lisboa: Instituto Piaget.
- MAIA, R. C. M. (2002). Democracia e a Internet como esfera pública virtual: aproximando as condições do discurso e da deliberação. In: MOTTA, Luiz Gonzaga; WEBER, Maria Helena; FRANÇA, Vera; PAIVA, Raquel (orgs). Estratégias e culturas da comunicação. Brasília: Editora UNB, p. 107-27.
- MORAES, Dênis de. (1997). A dialética das mídias globais. IN: Globalização, mídia e cultura contemporânea. Campo Grande: Letra Viva.
- OLIVEIRA, Cláudia B. (et al.). (1999). O local e o global no olhar televisivo: estudo comparativo da estética dos telejornais “Em cima da Hora”, “International World News” e “Journal”. In: MATTOS, Sérgio. (org.). A televisão na era da globalização. São Paulo: Ianamá.
- ORMANEZE, F. (2012). Jornalismo na internet: reflexões sobre transmídia e reportagem 360° como propostas de produção. In: Junquer, A et al. Novas Competências na Sociedade do Conhecimento. Campinas: Leitura Crítica, p. 73-80.
- PÊCHEUX, M. (1989). Semântica e discurso. Campinas: Unicamp.
- RICOEUR, P. (2010). Tempo e narrativa. São Paulo: Martins Fontes.

SILVEIRA, Milena de Castro. (2002). No limite do você decide? Dissertação de Mestrado: Unicamp, Instituto de Artes.

THOMPSON, John B. (1998). A mídia e a modernidade. Petrópolis: Vozes.

┌

|

└

—

—

└

|

┌